



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### PODER POLÍTICO E DISCURSIVIDADE: HEROÍSMO E TIRANIA DE HUGO CHÁVEZ

Ricardo Pereira Vieira  
(UESB)

Maria da Conceição Fonseca-Silva  
(UESB)

Edvania Gomes da Silva  
(UESB)

#### RESUMO

Este trabalho parte dos resultados de pesquisa obtidos por Vieira (2009) e Vieira (2013) e, através de uma metodologia pautada no paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1986) e nos postulados da filosofia de Foucault (1969), busca investigar a existência de um enunciado de ordem político-jurídica em relação a Hugo Chávez, presidente da Venezuela, segundo o qual, na América Latina das últimas décadas, para se legitimar no exercício do poder, um político tem que ser construído no lugar de *herói*, mas nele não quer se perpetuar indefinidamente como um *tirano*. Deste modo, além do referencial teórico-metodológico acima mencionado, recorrerá a clássicos do pensamento político e filosófico, bem assim à análise histórica, para demonstrar a sua existência e funcionamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heroísmo. Tirania. Análise do Discurso.

---

\*Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade e mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade. Bolsista Capes. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). ricardo\_advog@hotmail.com

\*\*Doutora em Linguística. Programa de Pós Graduação em Linguística e Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB). Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) (GPEL/CNPq/UESB). Bolsista produtividade do CNPq 2.con.fonseca@gmail.com.

\*\*\*Doutora em Linguística. Programa de Pós Graduação em Linguística e Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/CNPq/UESB).edvaniagsilva@gmail.com



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho levará em consideração os textos, reportagens, matérias, vídeos e documentários, veiculados de modo amplo na mídia impressa, na internet e no mercado audiovisual acerca da recente política da Venezuela no continente Latino Americano, especialmente com o advento da aparição pública de Hugo Chávez, atual presidente, o que remonta ao ano de 1992 quando o mesmo, na condição de militar, liderou um movimento armado contra o poder instituído do presidente eleito Carlos Andrés Pérez (Golpe de Estado frustrado).

Do material coletado, foram extraídas as formulações linguísticas cuja materialidade apontasse para a existência de um enunciado de ordem política e jurídica sobre o aspecto da *legitimação no exercício do poder político* de Chávez, no sentido de demonstrar sobre o que se funda [discursivamente] tal legitimidade e se haveria ou qual seria o seu limite, permitindo-nos falar, portanto, no nível do discurso, de uma legitimação/deslegitimação de Chávez na função de presidente do seu país.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para a composição deste trabalho, foram selecionados e catalogados textos retirados de matérias em revistas impressas (Caros Amigos e Piauí), *sites* da internet, vídeos disponíveis no *YouTube*, documentários, etc., enfim, textos encontrados na mídia, de maneira ampla, que tratassem de Hugo Chávez ou da política venezuelana das últimas duas décadas (a partir do ano de 1992) até final da pesquisa no ano de 2012, pouco antes, portanto, da data da sua morte, que se deu em 05 de março de 2013, na capital Caracas.

Em seguida, foi feito um percurso de leitura e análise do material selecionado (matérias, reportagens, textos e transcrições de vídeos e documentários), com o objetivo de identificar e descrever o funcionamento de um enunciado relacionado a Chávez, segundo o qual para se chegar a cargos centrais do poder político (presidência, por exemplo) é preciso que o político seja discursivamente concebido como um *herói*, que,



por seu saber autocrático, se diferencia dos demais, colocando-se em condição de resolver os problemas da população; e ao mesmo tempo se distanciar da imagem do *tirano*, o qual busca continuar indefinida ou perpetuamente no poder.

Nesse sentido, o *corpus* foi reunido de acordo com o referencial teórico adotado, que privilegia a análise de indícios, de rupturas, de retomadas, de repetições e de atualizações (portanto de uma concepção não linear da história). Os principais conceitos operacionais de análise foram extraídos da filosofia de Foucault (1969) e também de Ginzburg (1986), uma vez que, se em Vieira (2009) buscou-se investigar a existência de discurso de ordem política e jurídica relacionados ao político venezuelano (conjunto de enunciados), em Vieira (2013), por outro lado, procurou-se averiguar se o enunciado de “tirania” encontrado nas páginas de 10 (dez) anos de edições da Revista Veja eram também encontrados em outras materialidades.

Ginzburg (1986), em seu *Mitos Emblemas e Sinais*, dedica parte da obra às reflexões sobre um modelo epistemológico (ou paradigma) que chama de *indiciário*. No capítulo *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, o autor mostra que, no final do século XIX, emergiu de maneira silenciosa no âmbito das ciências humanas este paradigma epistemológico ao qual, segundo ele, não se prestou suficiente atenção, e sobre o qual ainda não se teorizou explícita e suficientemente.

O autor inicia a discussão relatando que, entre os anos de 1874 e 1876, o italiano Giovanni Morelli (utilizando o pseudônimo de um desconhecido russo Ivan Lermolieff), publicou uma série de artigos sobre pintura italiana na *Zeitschrift für bildende Kunst*, em que apresentava um método para identificação de quadros antigos. O método consistia na análise de detalhes característicos de determinados pintores famosos (os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos, etc.), muitas vezes despercebidos ou negligenciados por seus copiadores. Tais detalhes integralizavam um conjunto de dados fundamentais para a atribuição de autoria das obras<sup>\*\*\*\*\*</sup>. Ginzburg defende que, apesar de muito criticado (taxado de mecânico e grosseiramente positivista, por alguns) e posteriormente ter caído em descrédito, o método indiciário de Morelli jamais deixara

---

\*\*\*\*\* Segundo Wind (*apud* GINZBURG, 1986, p. 145) “Qualquer museu de arte estudado por Morelli adquire imediatamente o aspecto de um museu criminal”.



de ser utilizado, e, através dos testemunhos dos trabalhos de Wind, Castelnuovo e Freud, argumenta que tanto no Sherlock Holmes (de Arthur Conan Doyle) quanto na psicanálise freudiana esta metodologia de investigação deixou a sua marca, na medida em que os nossos pequenos gestos inconscientes (os atos falhos, chistes, equívocos, etc.) revelam o nosso carácter mais do que qualquer atitude formal, meticulosamente preparada e controlada por nós.

Esses dados marginais, para Morelli, eram reveladores porque constituíam os momentos em que o controle do artista, ligado à tradição cultural, distendia-se para dar lugar a traços puramente individuais, “que lhe escapam sem que ele se dê conta”. Ainda mais do que a alusão, não excepcional naquela época, a uma atividade inconsciente, impressiona a identificação do núcleo íntimo da individualidade artística com os elementos subtraídos ao controle da consciência (GINZBURG, 1986, p. 150).

Para Ginzburg (1986), as observações de Wind sobre Morelli chamaram a atenção dos estudiosos para um trecho, por muito tempo esquecido (deixado de lado), do consagrado ensaio de Freud *O Moisés de Michelangelo*, concebido em 1914. Nele, Freud registra a influência de Morelli sobre a sua psicanálise, dizendo que, muito tempo antes de ouvir falar em psicanálise, tomou conhecimento dos trabalhos de arte de Ivan Lermolieff (que sabemos ser Giovanni Morelli), que, no final do século XIV, havia provocado uma *revolução nas galerias de arte de toda a Europa, com a sua forma de identificação de obras por artista*, dando atenção aos detalhes (FREUD *apud* GINZBURG, 1986):

Ele chegou a esse resultado prescindindo da impressão geral e dos traços fundamentais da pintura, ressaltando, pelo contrário, a importância característica dos detalhes secundários, das particularidades insignificantes, como a conformação das unhas, dos lobos auriculares, da auréola e outros elementos que normalmente passavam despercebidos e que o copista deixa de imitar, ao passo, porém, que cada artista os executa de um modo que o diferencia. [...] Creio que o seu método [de Morelli] está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

desapercebidos, dos detritos ou “refugos” da nossa observação (FREUD *apud* GINZBURG, 1986, p. 147).

Estas *pistas* que Ginzburg vê se relacionarem na forma de *sintomas* (no caso de Freud), *indícios* (no caso de Sherlock Holmes) e de *signos pictóricos* (no caso de Giovanni Morelli), estariam vinculadas, segundo o autor, à *semiótica médica*, pois, como bem observa, Freud era médico, Morelli havia se formado em medicina e Arthur Conan Doyle (criador do personagem de Sherlock Holmes) também havia sido médico antes de se dedicar a literatura. “Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo” (GINZBURG, 1986, p. 151).

Prosegue Morelli dizendo que este paradigma indiciário tem a ver com uma série de atividades humanas (por milênios o homem foi caçador), e relaciona-se a uma série de disciplinas ligadas ao humano (medicina, história, política, por exemplo), em que a análise de vestígios e indícios (sintomas) particulares é determinante para solução de problemas igualmente singulares, não raro ligados ao cotidiano dos homens. Os médicos, os historiadores, os políticos, os carpinteiros, os oleiros, os marinheiros, os pescadores, os caçadores e as mulheres eram, para os gregos, apenas algumas dentre as inúmeras categorias que operavam neste vasto território do *saber conjetural* (das conjeturas, da astúcia, da capacidade de prever os acontecimentos): território governado pela deusa Métis (a primeira esposa de Zeus), que personificava a *adivinhação pela água*. “Mas esse paradigma permaneceu [...] implícito – esmagado pelo prestigioso (e socialmente mais elevado) modelo de conhecimento elaborado por Platão” (GINZBURG, 1986, p. 155).

Este ponto de vista epistemológico sistemático totalizante que vem desde Platão e passa por Galileu, Descartes e Newton, e que sacrifica o conhecimento do elemento individual em prol da generalização expressa em linguagem objetivo-matemática, encontra nas ciências naturais a forma privilegiada de se desenvolver. A consolidação de disciplinas como Física e Biologia, como conhecimento de *tez científica* (o que só vai



ocorrer com as *humanidades* muito tempo depois) se dá pela tendência [destas matérias] de apagar os traços individuais dos objetos com que lidam, promovendo o afastamento emocional do observador.

A crença na emancipação da humanidade por meio da ciência moderna (que a tudo explica de modo geral e segundo relações lineares de causa e efeito) esbarra, contudo, na infiltração do paradigma indiciário nas *humanidades*: “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Essa idéia [...] penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas” (GINZBURG, 1986, p 177). Além de Freud, visto acima, a filosofia aforismática de Nietzsche e Adorno vieram denunciar a decadência do pensamento sistemático:

O próprio termo “aforismático” é revelador. [É um indício, um sintoma, um sinal] *Aforismos* era o título de uma famosa obra de Hipócrates. No século XVII, começaram a sair coletâneas de *Aforismos políticos*. A literatura aforismática é, por definição, uma tentativa de formular juízos sobre o homem e a sociedade a partir de sintomas, de indícios: um homem e uma sociedade que estão doentes, *em crise* (GINZBURG, 1986, p. 178).

Tomando, pois, a filosofia de Foucault, sua *arqueogenealogia*, como um conjunto de postulados que se aproxima deste modelo epistemológico indiciário (pela própria noção de história *não-linear* que oferece, ao lado do seu gosto pelos limiares, seu olhar para os ruídos e para as rupturas, e o abandono de uma relação de causa e efeito entre fenômenos) – o que se vê, especialmente, no seu conceito de enunciado discursivo –, decidimos construir o nosso *corpus* de pesquisa de modo a verificar, seguindo vestígios, sinais ou “sintomas”, se o enunciado segundo o qual *Chávez é um tirano* encontra-se presente em outras materialidades.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em entrevista de Hugo Chávez, concedida ao programa *Roda Viva (TV Cultura)*, de 03/10/2005, o texto que introduz as perguntas que passarão a ser feitas ao referido político diz o seguinte:

Hugo Chávez foi eleito pelo voto popular em dezembro de 1998. Ele já havia tentado chegar ao poder em 92, através de um golpe militar que não deu certo e o levou à prisão por dois anos. (...) De origem humilde (...). Chegou ao posto de coronel e se lançou numa ação política inspirada em Simón Bolívar, o herói da independência sul-americana (...). Com um discurso popular de combate à corrupção e à pobreza, Hugo Chávez está no governo há seis anos, e sobreviveu a várias crises. Em 2002, sofreu uma tentativa de golpe militar que fracassou (...). A oposição, incluindo alas militares, setores empresariais, e a classe média e alta acusou Chávez de querer impor à Venezuela um regime autoritário à moda de Fidel Castro, mesma linha de pensamento do governo dos Estados Unidos, e conseguiu convocar um plebiscito com a idéia de abreviar o mandato do presidente. O povo foi às urnas, mas disse sim a Hugo Chávez. Fortalecido e apoiado por governos do continente (...) o presidente (...) reformou o Congresso, mudou a Constituição, e com o dinheiro farto, obtido com a alta do preço do petróleo, começou a investir pesado em programas sociais, que só fizeram aumentar sua popularidade e (...) sua chance de reeleição no ano que vem.

No trecho acima, o Golpe Militar de 1992 é colocado como fator de oscilação no destino de Chávez (o que o levou a prisão), mas também, em certa medida, como uma forma de *ardil* que o destaca na cena política. A violência e a sua origem humilde também estão presentes no fragmento, atualizando o que postula Foucault (1974) sobre os governos de tirania da Grécia arcaica: instabilidade política, heroísmo e saber autocrático. O combate à corrupção e à pobreza também legitima Chávez enquanto herói, apto a salvar/reerguer o país, mas a alusão à sua permanência no poder há seis anos coloca o tema do poder e de sua constante ameaça (usurpação) no centro da discussão. A referência ao golpe de 2002, à oposição e aos EUA evoca este mesmo sentido de instabilidade política. O apoio popular, materializado nas formulações do

texto, também está presente como na análise de Édipo por Foucault (1974), pois, tanto no caso de Édipo quanto no de Chávez, o referido apoio é mais um indício que atualiza o enunciado segundo o qual esses personagens (Édipo e Chávez) são tiranos. Finalmente, a reformulação do Congresso, a mudança na Constituição e o uso de petróleo para aumentar a sua popularidade são colocados como formas de o referido político continuar no poder (vencer a reeleição), o que também reatualiza o enunciado da tirania.

Já o documentário *Hugo Chávez*, produção francesa dirigida por Ligia Blanco, no ano de 2002, traz algumas falas do político. Um dos trechos selecionados para a análise é o seguinte:

[NARRADOR] Quem é Hugo Chávez, o presidente da república da Venezuela? É ele um revolucionário bolivariano cristão, como se descreve ele mesmo? Ou é um demagogo? [...] [HOMEM ENTREVISTADO] Chávez recebeu um país com uma enorme expectativa de mudanças profundas e, certamente, 60% vota nele, pensando que a aquele homem com autoridade, com sua própria formação militar é capaz de encaminhar um país que, certamente, estava em muito mal estado. [...] [CHÁVEZ] Você me pergunta como governar. Governar com ética, governar rodeado pelo povo, que aí está e que já começou a receber o impacto positivo de um governo que tem um compromisso com esse povo, e, especialmente, com os mais pobres. [...] [NARRADOR] Chávez quer atender as expectativas daqueles que o elegeram. Então ele escreveu uma nova Constituição para restaurar a legitimidade do estado, que foi aceita por 70% dos votos no referendo. [...] [CHÁVEZ] Um dia um jornalista me perguntou algo e lhe respondi algo. Me perguntou: para onde vai você agora? Eu respondi: vou ao poder, mas primeiro vou às catacumbas com este povo. E desde então estou nas catacumbas, até o fundo, faz cinco anos. E hoje estou aqui, mas me sinto como [se estivesse] nas catacumbas. Não vou sair nunca destas catacumbas. Não me sinto elevado pelo poder. Mais: não me sinto com poder. O poder que eu tenho não é meu, pertence ao povo (traduzimos).

Aqui também, assim como nas revistas e outros documentos da pesquisa, há uma preocupação em compreender quem é Hugo Chávez e o porquê de haver tanta polêmica em torno de seu nome. No meio das perguntas, a expressão *revolucionário bolivariano cristão* e o termo *demagogo* se sobressaem. A primeira, segundo o vídeo, seria o modo como o próprio Chávez se descreve, daí se extraindo que se trata de um processo





**subversivo-revolucionário**, vinculado a uma ideia de **libertação de dominação estrangeira** (evocada pela menção a Bolívar) e, por fim, cristão, o que dá conta do cruzamento do discurso religioso com o discurso político, provocando o efeito de sentido de **providência, salvação e predestinação** (como vimos na fala do sacerdote, nas primeiras páginas do *Édipo*). O segundo (o termo demagogo) não remete diretamente ao sentido postulado por Aristóteles em *A política*, mas ao sentido pejorativo que vemos em Weber (1946), ou seja, no sentido de enganação, quando fala do *político do poder*. Dizemos isto porque a disjunção “ou” exclui uma das duas formas aqui analisadas (ou as duas juntas), mostrando que o político só pode ser associado a, no máximo, uma destas definições [reciprocamente excludentes]. Vejamos:

Em última análise, há apenas dois tipos de pecado mortal no campo da política: a falta de objetividade e – com frequência idêntica a ela, mas nem sempre – a irresponsabilidade. Vaidade, a necessidade de **destacar-se pessoalmente no primeiro plano da forma mais clara possível**, tenta fortemente o político a cometer um desses pecados, ou ambos. Isso ainda é mais exato no caso em que o **demagogo** é obrigado a contar com o “efeito”. Portanto, ele corre frequentemente o risco de tornar-se **um ator** bem como o de ver com leviandade a responsabilidade das conseqüências de seus atos, passando a interessar-se apenas pela “impressão” que causa. A falta de objetividade tenta-o a lutar pela **aparência atraente do poder**, e não pelo poder real. Sua irresponsabilidade, porém, sugere que **ele gosta do poder simplesmente pelo poder** sem uma finalidade substantiva. [...] O “**político do poder**” pode conseguir efeitos fortes, mas na realidade seu trabalho não leva a parte alguma e não tem sentido (WEBER, 1946, p. 139-140, negritamos).

O homem entrevistado, a certa altura do documentário, diz que Chávez **recebeu um país** com uma expectativa de mudanças profundas, o que atualiza o que Foucault (1974) comenta sobre Cípselo de Corinto e a tragédia *Édipo*:

se consideramos as histórias que Heródoto [...] contava sobre os velhos tiranos gregos, em particular sobre Cípselo de Corinto, vemos que se trata de alguém que julgava possuir a cidade. Cípselo dizia que Zeus **lhe havia dado a cidade** e que ele a havia devolvido aos cidadãos. Encontramos exatamente a mesma coisa na tragédia de Sófocles (FOUCAULT, 1974, p. 45).



A expectativa de mudanças, ao mesmo tempo em que retoma o aspecto das tiranias gregas (**saída da Oligarquia para uma melhor condição**), também toca no tema dos *governos de transição*, do modo como postula Fontana (1997), já que se trata de América Latina. A referência a um apoio de 60% nas urnas caracteriza o apoio popular, já a menção ao militarismo como uma forma de expressar *autoridade* no sentido de *encaminhar o país*, relembra o tema da **demagogia**, da forma como o analisou Aristóteles (A Política), para quem o tirano era escolhido dentre os militares, de acordo com a sua eloquência (boa retórica). Por último, lemos na fala do “entrevistado” em questão, que a Venezuela estava em  *muito mal estado*, mostrando assim que Chávez se **legitima** enquanto aquele que retira a *polis* de um grave problema, como fez Édipo.

Em seguida, Chávez volta a salientar a importância do **apoio popular** para o seu governo, ao dizer que o seu modo de governar é com ética (superando a corrupção existente), mas, sobretudo, rodeado pelo povo (os mais pobres), mostrando que aquele aspecto da tirania a que se refere Lima Filho (1999) aqui também está presente: a multidão confia nele [no tirano] cegamente, desde que este faça tudo por ela. Outrossim, há também a menção a **novas leis**, elaboradas no intuito de *atender as expectativas daqueles que o elegeram*, o que demonstra que aqui também temos o aspecto da *nova legislação*, muito comum nas Tiranias Gregas da antiguidade arcaica.

Por fim, a resposta que Chávez dá a um jornalista coloca o poder no centro do debate em torno do seu governo. Teria Chávez dito a um jornalista que lhe perguntou “aonde ele [Chávez] iria agora”: **ao poder, às catacumbas com o povo**. E afirma que, desde então, está nas catacumbas. **Que não vai sair nunca das catacumbas do poder**. Que o poder que ele tem não é dele, mas do povo. Notamos, assim, que, na própria fala de Chávez, encontra-se materializada uma posição de sujeito de acordo com a qual o poder é a algo a ser conquistado e mantido, que é algo que lhe pertence, pois, caso não lhe pertencesse, ele não diria **o poder que tenho** [*não pertence...*]. Se o pertence é porque é dele, mas se se refere ao povo é no sentido da importância fundamental do apoio popular, este de fato imprescindível como condição de governabilidade, conforme visto nas outras passagens acima do mesmo documentário.



## CONCLUSÕES

Do exposto, verificamos que o enunciado sobre a *tiranía* aparece, de diferentes formas, nas formulações linguísticas acima, comprovando-se estar repetido/atualizado em relação ao presidente Hugo Chávez, dando conta da existência de um discurso segundo o qual o heroísmo é discursivizado como forma de legitimação no poder tanto quanto a permanência do político num cargo ou função pode representar *excesso* e tirania, características indesejáveis do político, do ponto de vista do discurso.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES (384 a.C. – 322 a.C.). **A Política**. São Paulo: Atena Editora, 1963.
- FONTANA, M. G. Z. **Cidadãos modernos**: discurso e representação política. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Edição original: 1969.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005. Edição original: 1974.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Edição original: 1986.
- LIMA FILHO, A. V. de. **O poder na Antiguidade**: aspectos históricos e jurídicos. São Paulo: Ícone, 1999.
- VIEIRA, Ricardo Pereira. **Heroísmo e tirania nos discursos sobre a legitimação [de Chávez] no exercício do poder político**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.
- VIEIRA, Ricardo Pereira. **Memória e discurso**: Chávez na mídia impressa. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2009.
- WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982. Edição original, 1946.